



# O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

ANO 2013

MARÇO

Nº 46

## MARECHAL FERNANDO SETEMBRINO DE CARVALHO - O PACIFICADOR DA REVOLTA DO CONTESTADO 1912/16 - PERFIL MILITAR

Cel Cláudio Moreira Bento - Presidente da FAHIMTB e do IHTRGS



O Marechal Fernando Setembrino de Carvalho (1861-1947) foi o pacificador da Revolta do Contestado de 1914-16. Ele nasceu em Uruguaiana-RS em 13 de setembro. Quatro anos depois, Uruguaiana foi invadida e mantida por tropas paraguaias até estas se renderem em presença do Imperador D. Pedro II, conforme abordamos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis na **História da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada** (vide bibliografia). Ele faleceu no Rio de Janeiro em 24 de maio de 1947, com 85 anos incompletos.

### Síntese da evolução de sua carreira militar por suas promoções

**Praça** em 20 Out 1877 em Porto Alegre no 12º Batalhão de Infantaria, unidade que integrou a Divisão Provisória a seu comando no Contestado, depois de decorridos 37 anos. **Alferes-Aluno** em 4 Mar 1882 na Escola Militar de Porto Alegre, no bairro Praia de Belas, e nomeado por seu comandante, o valente herói popular na Guerra do Paraguai Cel Tibúrcio de Souza, posto como prêmio aos bons estudantes. **2º Tenente** em 5 Set 1883, na Escola Militar da Praia Vermelha, aos 21 anos. **Tenente de Estado-Maior** em 15 Dez 1888, no atual Regimento Mallet, o 3º GACAP, Santa Maria. **Capitão** em 17 Mar 1890, classificado no 2º Batalhão de Engenharia em Rio Pardo, ex-Ala Esquerda do Batalhão de Engenheiros e atual Batalhão de Engenharia em Lages, SC. **Major** de Engenharia, por antiguidade, em 14 Dez 1900, tendo assumido as funções de sub-comandante do 2º Batalhão de Engenharia em Rio Pardo. **Tenente-Coronel** por merecimento, em 25 Abr 1906, no comando do 2º Batalhão de Engenharia, trabalhando na construção de ferrovias e linhas telegráficas nas Missões-RS onde, em 1910, foi convidado para servir no Rio de Janeiro, no Gabinete do Ministro da Guerra, pelo General Hermes Rodrigues da Fonseca, candidato à Presidência da República. **Coronel** por merecimento em 16 Ago 1911, antes de assumir a Chefia de Gabinete do Ministro da Guerra. **General de Brigada** em 8 Abr 1914, no comando da atual 10ª Região Militar e como Interventor Federal no Ceará, pacificando revolta naquele estado e também no comando da 5ª RM/5ª DI no Paraná, pacificando a Revolta do Contestado. **General de Divisão** em 12 Jan 1918, no QG do Exército no Rio de Janeiro, no comando da 2ª Divisão em Niterói e no da 4ª Região Militar em Juiz de Fora. Em 1922 assumiu a chefia do Estado-Maior do Exército e, a seguir, a função de Ministro da Guerra, tendo pacificado a revolução de 1923 no Rio Grande do Sul.

Era filho único do professor, funcionário público e comerciante, Capitão da Guarda Nacional, Fernando Vieira de Carvalho, natural de Porto Alegre (e que faleceu com 94 anos), e de D. Felicidade Ferreira de Carvalho, natural de Santa Maria mas radicados em Uruguaiana. Iniciou seus estudos com seu pai, que desejava que fosse médico e sua mãe que ele fosse advogado. Ele preferiu ser Engenheiro Militar. Sua mãe era de um dos ramos da

Família Carneiro da Fontoura, cujo tronco era o Marechal Carneiro da Fontoura, no Brasil Colônia. À sua mãe, católica fervorosa, muito está a dever a reconstrução da igreja da N.S. da Conceição - a padroeira do Exército Imperial do Brasil - na extinta praça Paissandú, em Uruguaiana, com donativos que por três anos ela recolhera em Uruguaiana. Era benemerita da Casa de Caridade de Uruguaiana.

Em 1875, aos 15 anos, estudou em Pelotas, no Colégio Reis, pertencente a um colega de magistério de seu pai. Local onde foi submetido a um tratamento hidroterápico com banhos frios de chuveiro “onde adquiriu resistência orgânica para conservar a vida em muitas fases trabalhosas” segundo suas **Memórias**.

Em 1876 prestou exames de Português, Francês e Geografia na Repartição de Instrução Pública Geral do Rio Grande do Sul, tendo conquistado aprovações plenas.

Em 1877 estudou em Porto Alegre no Colégio Souza Lobo, onde foi colega de Antônio Augusto Borges de Medeiros e Ernesto Alves. E em 20 de outubro, ainda como interno do Colégio Souza Lobo, sentou praça no 12º Batalhão de Infantaria, na praça do Portão, de gloriosas tradições na Guerra do Paraguai. Unidade que integrou, 37 anos depois, a Divisão Provisória, com a qual ele pacificou o Contestado.

De 1878 a 1882 estudou na Escola Militar de Porto Alegre, na Praia de Belas, ao comando do Coronel Tibúrcio Ferreira de Souza, consagrado hoje como nome da Praça da Praia Vermelha onde se erguem a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, o Instituto Militar de Engenharia e a Escola de Guerra Naval.

Ao ingressar na Escola Militar, na Praia de Belas, foi morar numa república de estudantes. E a primeira vez que empunhou, ainda recruta, um fuzil, foi um Comblain, nos funerais do pernambucano Barão de São Borja – Tenente-General Victorino José Carneiro Monteiro, comandante da 6ª Divisão de Infantaria na Guerra do Paraguai, cuja síntese biográfica abordamos na obra **6ª Divisão de Exército – Divisão Voluntários da Pátria: AHIMTB/Pallotti 2001**, em parceria com o acadêmico Osório Santana Figueiredo. Victorino foi pai do, mais tarde, querido e excelente amigo do Marechal Setembrino, o Marechal Bento Ribeiro Carneiro Monteiro.

De Porto Alegre seguiu para o Rio de Janeiro, como possuidor dos cursos de Infantaria, Cavalaria e Artilharia, tendo na Escola Militar da Praia Vermelha de 1883-85, como tenente de Artilharia, concluído os cursos de Estado-Maior e de Engenheiro Militar, como 2º Ten Artilharia, posto ao qual fora promovido em 15 Set 1882. E recebeu o título de Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, em complemento aos seus cursos de Infantaria, Cavalaria e Artilharia em Porto Alegre e de Estado-Maior e de Engenheiro Militar Escola Militar da Praia Vermelha.

E então foi nomeado tenente da Ala-Esquerda do Batalhão de Engenheiros, formada com duas companhias do único Batalhão de Engenheiros existente no Exército e destinada a construir quartéis e fortificações no Rio Grande do Sul. As outras duas companhias integravam a Ala-Direita do Batalhão, aquarteladas na Escola Militar na Praia Vermelha. Neste batalhão existiam oficiais de todas as armas. No Rio Grande do Sul existia uma Comissão de Engenharia integrada por oficiais do Corpo de Engenheiros do Exército. Neste Corpo, só podiam nele ingressar oficiais engenheiros com o posto de Capitão.

E foi em Cachoeira do Sul, segundo o Marechal Setembrino descreve

“que me apresentei na sede da Ala-Esquerda, tendo exercido por dois meses a função de Secretário. Em abril de 1885 segui para Uruguaiana para auxiliar o diretor das obras do Quartel de Infantaria. Em setembro fui enviado a São Borja no comando de contingente de 100 praças à disposição do responsável pela construção em São Borja de um quartel de Cavalaria. Foi o meu primeiro comando. Um comando árduo. O seu pessoal era muito indisciplinado. Decorridos seis meses fui dispensado da Ala Esquerda e enviado para São Gabriel para o Regimento de Artilharia a Cavalos, tendo adoecido em Uruguaiana e com dois meses de licença para tratamento de Saúde. Apresentando-me no hoje Regimento Mallet fui instrutor de Infantaria das praças e de instrução de Artilharia da 1ª Bateria. Decorridos 5 meses fui nomeado para comissão destinada a experimentar viaturas de transportes para o Exército. A experiência consistia em transportar de São Gabriel a Bagé pesadas cargas em caixões padrões. Nenhuma das viaturas foi aprovada, por não se prestarem às nossas estradas.”

No dia 22 de janeiro de 1887, aos 24 anos, como 2º tenente, ele se casou em Uruguaiana com a jovem Leontina Vilela, com a qual havia ficado noivo quando foi destacado no comando de um destacamento em Barranca Pelada, integrando um cordão sanitário, em razão de estar ocorrendo uma epidemia de cólera morbus na Argentina. Com cinco meses de casado retornou em julho ao Regimento Mallet, em seu quartel na **Caserna de Bravos**, do qual foi secretário por cerca de 18 meses, ao comando do Ten Cel Bernardo Vasques, que chegou ao posto de Marechal e foi Ministro da Guerra 1896-94 antes da Guerra de Canudos, na Presidência de Prudente de Moraes, e cuja biografia sintetizamos na nossa obra **História da 3ª Região Militar - 1889-1953**. Porto Alegre: 3ª RM/AHIMTB, 1995 à p.49, como comandante da 3ª RM de 15 Fev-16 Ago 1892, que assinalou a Queda do Governicho e a quem coube intermediar em 1895 a Paz em Pelotas. Era filho de Magé-RJ e faleceu no Rio de Janeiro.

O Tenente Setembrino encontrou nele “seu excelente mestre por seu elevado caráter, cultura militar e alto sentimento de justiça e guia seguro aos que se iniciavam no serviço militar”. Promovido Tenente de Estado-Maior de 1ª classe, deixou o Regimento Mallet com elogio do seu comandante de que transcrevo este trecho.

**“...revelando sempre nas relações com este comando, ser, sem quebra da justa altivez, própria do homem digno e oficial brioso, um cavalheiro de fina educação, um militar subordinado e conhecedor dos preceitos disciplinares, de que apraz-me, declarar jamais se afastou...”**

Foi adjetivado por um notável soldado de ‘brioso’, o que põe por terra seus desafetos o apodarem de “General Sem ter brio..”

A seguir, foi servir em Uruguaiana como secretário do Comando da Guarnição e Fronteira, função compatível com sua condição de oficial de Estado-Maior de 1ª classe, função em que o alcançou a Proclamação da República. Logo a seguir em 1890 foi transferido para São Borja como secretário do Comandante da Guarnição e Fronteira de São Borja, ao comando do General Honorário Francisco Rodrigues Lima.

Promovido a Capitão de Estado-Maior de 1ª classe, foi transferido em junho de 1890 e nomeado membro da Comissão de Engenheiros do Rio Grande do Sul, para reparos no quartel do Exército em Uruguaiana. Colaborou como assessor político do intendente de Uruguaiana, o Cel Antônio de Azambuja Cidade, tendo concorrido na eleição em 5 de maio de 1891 e sido eleito deputado constituinte da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, que votou em 14 de julho de 1891 a Carta Constitucional gaúcha. A dissolução do Congresso em 1891 pelo Presidente Marechal Deodoro da Fonseca encontrou o Capitão Setembrino deputado na Assembleia gaúcha. E presenciou pressões com vistas à renúncia de Júlio de Castilhos, que terminou por renunciar, por solidário ao ato do Presidente Marechal Deodoro da Fonseca que havia renunciado. Dissolvida a Assembleia, o Capitão Setembrino se apresentou à Comissão de Engenheiros. Finalmente, aderiu à tropa ao comando do deputado federal General Manoel Luiz da Rocha Osório que seguiu para Torres para fazer frente à possível invasão por forças em apoio ao Marechal Deodoro. Só não houve confronto porque Deodoro renunciou em favor de seu vice-presidente, o Marechal Floriano Peixoto. Abordamos os reflexos do fechamento do Congresso Nacional por Deodoro na área militar, em detalhes, na **História da 3ª Região Militar**, v. II, às p.17/44. Desiludido da política retorna a Uruguaiana onde, atendendo apelos de amigos, passa a comandar o Batalhão Defensores da República, para lutar contra os federalistas na Guerra Civil de 1893/95. Batalhão “constituído desde os mais altos funcionários da magistratura local aos mais humildes operários”.

Em breve este batalhão, diz ele *“por sua instrução e disciplina que eu mesmo ministrava iria mais tarde regar, em 3 Mai 1893, os campos de Inhanduí, no qual 4.000 republicanos enfrentaram 6.000 federalistas”*. Confronto em que participou como comissionado tenente-coronel por Floriano Peixoto, no comando do Batalhão Defensores e de uma Bateria de canhões Withworth. Este combate foi o batismo de fogo do Capitão Setembrino e averbado em suas Alterações, do que reproduzo este trecho.

**O Capitão Setembrino “com o seu Batalhão Defensores da República e Bateria em batalha, a direita da minha Brigada, vi-o funcionar até como chefe de peça, dando assim exemplos de sublime valor aos seus comandados e conquistando os aplausos unânimes dos companheiros, que tomaram parte naquela ação por seu heróico procedimento”**.

E sobre este evento o Capitão Setembrino faz valiosas considerações nas p.52/63 de suas **Memórias**. E recebeu elogio do General Hipólito Ribeiro, comandante da Divisão Oeste e meu conterrâneo canguçuense, que estudo em meu livro **Canguçu - reencontro com a História**. Resende: AHIMTB/ACANDHIS, 2007. 2 ed. p. 263/266, elogio do qual reproduzo trecho:

**“Para conhecimento das forças sob meu comando publico o seguinte: Havendo seguido doente para Uruguaiana, com licença deste comando o cidadão Tenente Coronel em Comissão Fernando Setembrino de Carvalho, comandante do Corpo Provisório de Infantaria e Artilharia, cumpro o agradável dever de fazendo-me interprete da justiça, louvá-lo por sua conduta irrepreensível, quer como militar, quer como cidadão, já tão evidentemente desde o combate de Inhanduí, onde este plecaro e ardoroso republicano foi um dos cooperadores mais salientes para o brilho que ali tiveram a armas da coorte republicana. A dedicação do Tenente Coronel Setembrino e a sua apurada educação militar devem servir de modelo para aqueles que empreendem a jornada (carreira) militar...Hipólito Antônio Ribeiro (comandante da Divisão Oeste).”**

Retornou a Uruguaiana em abril de 1895, e juntamente com o Capitão Arias Júnior, Diretor de Obras, trabalhou, segundo o historiador acadêmico Carlos Fonttes, “na construção de um quartel, onde se alojaria o 6º Batalhão de Infantaria”. Esse aquartelamento abrigara muitas unidades militares, dentre as quais o famoso 5º Regimento de Cavalaria Independente, sendo mais tarde, aquele prédio, denominado pela população local de “Quartel Velho”, passando, muitos anos após, ao domínio público. Hoje, nada mais resta daquela velha construção, localizada a Rua Bento Martins, próximo ao rio Uruguai.

Em 14 Dez 1900 foi promovido a Major e nomeado Fiscal (subcomandante) do recém criado 2º Batalhão de Engenharia estacionado em Rio Pardo, junto à Escola Preparatória e Tática onde se apresentou em 13 Abr 1901.

Em suas **Memórias**, às p. 66/67 e a nós cedida cópia, pelo já citado historiador e artista plástico Carlos Fonttes, acadêmico e delegado da Delegacia da FAHIMTB em Uruguaiana - Delegacia Marechal Fernando Setembrino de Carvalho, ele relatou que encontrou o Batalhão mal instalado, com reduzido número de oficiais, sem disciplina, sem instrução e com falta absoluta de material. E era unidade que havia participado do combate à Guerra Civil 1893-95 em Bagé e em Rio Grande na Revolta na Armada. E descreve:

“Além da guarda do quartel, os soldados ocupavam-se da faxina na Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo. E que o 2º Batalhão fazia parte do material de faxina (limpeza) da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo.”

E prossegue em outras críticas da situação que encontrou, conforme registramos em nossa obra em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis **Escolas Militares de Rio Pardo 1909-1911**. Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, 2005, do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul.

Setembrino concebeu a ideia de retirar o Batalhão daquela humilhante situação e o empregar na construção da ferrovia Porto Alegre-Uruguaiana. E através de seu amigo Ten Cel de Engenheiros Bento Ribeiro, Chefe da Comissão de Construção de Linhas Telegráficas no Rio Grande do Sul, levou o pleito ao Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet, Ministro da Guerra (1898-1902). Passado um mês recebeu um telegrama do Dr. Vitorino Carneiro Monteiro, do Rio de Janeiro:

“Ontem em conferência com o Ministro da Guerra (Mallet) e o Presidente da República, ficou resolvida a construção da Estrada de Ferro Porto Alegre-Uruguaiana pelo teu Batalhão, Parabéns...”

Foi momento de intenso júbilo no 2º Batalhão de Engenharia e depois 1º Batalhão Ferroviário: *“por deixar a situação humilhante em que vivia e senti-me tocado de justa emoção por haver sido o promotor de tão patriótica medida”*.

Assim ele se tornou o pioneiro da ideia da participação da Arma de Engenharia na construção de ferrovias e rodovias, como adestramento para seu emprego nestas tarefas em caso de guerra e contribuindo assim para o Desenvolvimento e Integração do Brasil. A sua ideia foi a que sempre defendi, a participação dos batalhões de Engenharia na construção de ferrovias e rodovias e outras obras, como adestramento, para ficar nas melhores condições de exercer suas funções em caso de guerra. E, como subproduto, contribuiriam para o Desenvolvimento e Integração nacional. E não, pura e simplesmente, concorrerem com a iniciativa privada. Ou adestramento com Desenvolvimento. Foi a minha convicção ao trabalhar no 1º Batalhão Ferroviário na construção do TPS de 1957/1959, como capitão comandante de Companhia e no 6º Batalhão de Engenharia de Combate em Cachoeira do Sul, 1959/60, depois novamente no 1º Batalhão Ferroviário de 1961/66 e, mais tarde, de 1981/82 no comando do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG. Lembro que em 1970 no EM/do IV Exército, no planejamento de manobra em Serra Talhada a participação planejada de tropa de Engenharia na manobra foi combatida, sob o argumento de prejudicar o Desenvolvimento, o que então predominou, sobre a prioridade de adestramento militar da Engenharia. Este ponto é importante. Basta ler-se a obra a **Logística da invasão** do General Aguinaldo Sena Campos que foi o E4 da FEB, publicado pela BIBLIEx em 1965. Argumentos por nós usados como Assessor do DEC em 1974, para junto ao EME evitar a extinção de Batalhões de Construção então pretendida.

O 4º BE Cmb, ao ser criado em 1910, com base numa Bateria do Regimento Mallet, aquartelou algum tempo no local da Escola Militar em Rio Pardo, onde havia aquartelado o 2º Batalhão de Engenharia que, como 1º Batalhão Ferroviário, construiu a Ferrovia Pelotas-Canguçu e, por esta razão, foi dada à parte da rua General Hipólito Ribeiro o nome de Avenida Exército Nacional, a qual passou a ter a seguinte denominação: Avenida Exército Nacional Brigadeiro Antônio de Sampaio, no seu bicentenário de nascimento, por haver comandado no local, como Capitão, de 1845-49, uma Companhia de Infantaria para auxiliar a consolidação da Paz Farroupilha.

O 2º Batalhão de Engenharia, ao comando do Ten Cel Bento Ribeiro, grande amigo do major Setembrino, deixou Rio Pardo por via férrea em 3 Nov 1901 com destino a Cacequí com 500 praças e completo de engenheiros militares. De Cacequí marchou seguido de um comboio de 60 carretas, até as margens do arroio Inhanduí onde acampou. E no dia 18 de Novembro de 1901 inaugurou o Batalhão a sua saga ferroviária, com uma estaca junto à ponte sobre o rio Inhanduí. E o Major Setembrino, tendo por diversas vezes assumido interinamente o comando do Batalhão, foi EFETIVO depois da saída do Cel Bento Ribeiro.

Promovido a Tenente Coronel em abril de 1906, assumiu o comando efetivo do 2º Batalhão de Engenharia. E depois de cinco anos de trabalho o Batalhão retornou para sua caserna em Rio Pardo em 7 de

outubro de 1906, por haver sido substituído na missão pela 'Chemin de Fér au Brésil'. Foram tempos difíceis que o Marechal Setembrino descreve em suas **Memórias** às p.66/72.

Com o apoio do Senador Pinheiro Machado conseguiu que o Batalhão recebesse a missão de construir a ferrovia Cruz Alta-Ijuí. E em 17 de fevereiro de 1907 atingiu Cruz Alta, onde acampou. E em 29 Mai 1910 inaugurou o trecho de 30 quilômetros entre Cruz Alta e Faxinal, com a presença do General Trompowski, comandante da 3ª Brigada Estratégica em Santa Maria, a atual 3ª Divisão de Exército - Divisão Encouraçada, cuja saga histórica escrevemos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e Major Ândrei Clauhs, sob o título **3ª Divisão de Exército Divisão Encouraçada – Centenário**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008, onde abordamos o Marechal Trompowski, o patrono do Magistério Militar às p.93/95. E dos trabalhos bem feitos no comando do 2º Batalhão de Engenharia, que ele descreve em suas **Memórias** às p.78/87 comentou:

“A imagem que se formou em torno da minha obscura individualidade, naturalmente a reputação de bom soldado. Eu não era um soldado de raça. Mas logo ao ingressar na Escola Militar, senti-me dominado pelo espírito militar que mais e mais se desenvolveu na caserna. A carreira militar adquiriu para mim um caráter venerável e quase como sagrado. Era um sacerdócio a cujas imposições sempre me submeti com abnegação e devotamento. Se sacrifícios havia eu os recebia em boa mente, em honra da Pátria“.

E prossegue em outras valiosas reflexões sobre a carreira militar e sobre o bacharelismo militar que vale a pena serem lidas. A seguir, trabalhou em 1907, na construção dos ramais ferroviários Cruz Alta-Ijuí e São Borja-São Luís Gonzaga e, em 1908, na linha telegráfica São Vicente- Santiago.

Em 1910 recebeu seu Batalhão em Cruz Alta a visita do Marechal Hermes Ernesto da Fonseca que havia deixado o Ministério da Guerra (1906-09) que lhe falou: **“É necessário que você vá servir no Rio. É tempo de lá exercer uma atividade. Precisa progredir na carreira”**. E o convidou para ir para o Rio de Janeiro, depois de 25 anos de trabalhos como engenheiro militar no interior do Rio Grande do Sul (sendo cerca de 9 anos no comando efetivo ou interino do 2º Batalhão de Engenharia, e sempre seu engenheiro-chefe).

No Rio, depois de 10 meses sem função, foi promovido a coronel por merecimento em 16 Ago 1911 pelo Presidente Marechal Hermes, contrariando o Ministro da Guerra Emídio Dantas Barreto (1910-11) que tinha outro candidato. E com a saída deste ministro para assumir o Governo de Pernambuco, assumiu a chefia de Gabinete do novo Ministro da Guerra Gen Div Antônio Adolfo da Fontoura Mena Barreto (1911-12). O General Antônio Adolfo era veterano do Paraguai, se destacou na proclamação e consolidação da República e é estudado na obra MENA BARRETO, João de Deus Noronha. **Os Mena Barreto - seis gerações de soldados 1769-1950**. Rio de Janeiro: Graf. Laemmert, 1950. p 285/346.

O Coronel Setembrino continuou na chefia do Gabinete do novo Ministro da Guerra, o General Vespasiano, que havia sido seu professor de Arte Militar na Escola Militar em Porto Alegre, e segundo ele:

“homem inteligente e de apreciável cultura geral...amigo de seus amigos, mas inimigo rancoroso e que o único problema importante que tratou seu Gabinete, interessando o Exército foi o da Aviação Militar...que coube-lhe a inauguração deste serviço com a construção dos primeiros hangares do Campo dos Afonsos.”

E descreve à p.103 de suas **Memórias**, as circunstâncias da morte, no Contestado, do 1º Ten Aviador Ricardo Kirk, em desastre aéreo quando se dirigia em 1º de março de 1915, para um reconhecimento do reduto Santa Maria, que seria atacado no dia seguinte.

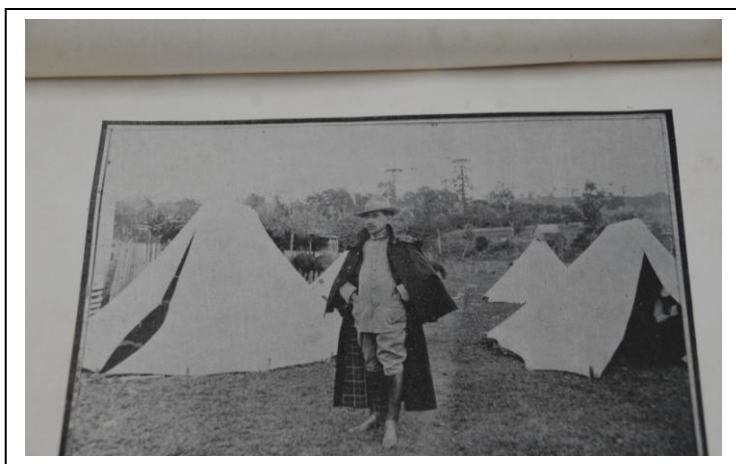
Em 9 Fev 1914 o coronel Setembrino embarcou para o Ceará, para pacificar a Sedição de Juazeiro naquele estado, em substituição aos emissários do Presidente, os generais Carlos de Mesquita (a que ele substituirá no Contestado) e a seguir o General Lino Ramos, missão que aborda às p.104-126 de suas **Memórias**, tendo assumido, como coronel, o comando da hoje 10ª Região Militar e a função de Interventor do Estado do Ceará, onde foi promovido a General de Brigada em 8 de abril de 1914. Ao retornar ao Rio ficou à disposição do Ministro da Guerra. E a seguir foi enviado com a missão de Pacificar o Contestado.

Sobre a pacificação do Contestado deixou a respeito circunstanciado **Relatório** apresentado ao Ministro da Guerra, Gen Div José Caetano de Farias (1914-18) constante de 336 páginas, c/ 50 fotos e 31 anexos e do qual possuíamos exemplar que muito exploramos, com destaque para os seus notáveis, judiciosos e oportunos **Ensinamentos Militares para o combate a uma guerra irregular**. Estudamos o Marechal Caetano de Farias em artigo Marechal José Caetano de Farias-projeção como Chefe do Estado-Maior e Ministro da Guerra na Reforma Militar. **Revista A Defesa Nacional** nº 724, mar/abr 1986, p.93/124.

A parte relativa a **Ensinamentos Militares** se constitui um precioso exemplo da muito conhecida Crítica feita depois de uma manobra, exercício militar como instrução, hoje denominada **APA- Análise Pós Ação**, ao mesmo tempo uma valiosa peça de História Militar Crítica, na qual o historiador militar estuda um combate ou uma batalha à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar aprendidos e praticados, no caso do Brasil na ECEME, em

especial com vistas a colher subsídios de Arte e Ciência Militar para a formação dos quadros de uma força considerada e desenvolvimento de uma doutrina militar, no caso de uma doutrina militar terrestre genuína brasileira como o fez Caxias ao analisar a Batalha do Passo do Rosário a pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (do qual era sócio) e, mais tarde, em 1861, como Ministro da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros, ao adaptar a Doutrina Militar Terrestre de Portugal, de influência inglesa, das realidades operacionais europeias às realidades operacionais sul-americanas que ele vivenciara em 5 campanhas militares vitoriosas que comandara.

Este é o desafio para os militares do Exército de hoje e do futuro de um país com crescente projeção internacional econômica e social, e com enormes riquezas a proteger de ambições internacionais em suas **Amazônias Verde e Azul**. Ou seja, desenvolver uma Doutrina Militar Terrestre do Brasil genuína temperada com o que de melhor houver nas doutrinas de exércitos de grandes potências econômicas e militares, de modo a construir, no menor tempo possível **Poder Militar Defensivo Dissuasório Compatível**, inclusive recorrendo com uma aliança militar mais conveniente, como Portugal celebrou com a Inglaterra, contra Napoleão e o Brasil com os EUA na 2ª Guerra Mundial.



E deixou também em suas **Memórias** o Capítulo III às p.127-148 sobre a sua Pacificação do Contestado. E desta idéia o Marechal Setembrino deu notável contribuição com seus **Ensinamentos Militares** colhidos naquela revolta.

Ao lado, o General Setembrino num acampamento no Contestado (Fonte: Foto de seu Relatório)

De retorno ao Rio de Janeiro, em 23 Jun 1915, foi nomeado Inspetor dos Serviços Administrativos do Exército e que mudou de nome para Diretor de Administração do Exército, função que

aborda o seu desempenho às p. 174/177 de suas **Memórias**, na qual deixou traços de sua brilhante capacidade e onde foi promovido a General de Divisão em 26 Jan 1918, sendo nomeado comandante da 2ª DE/2ª RM em Niterói, com jurisdição sobre os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Niterói.

Em 9 Jul 1919 foi nomeado comandante da 4ª Região Militar em Juiz de Fora. E, em 11 Set 1911, naquela guarnição, sede escolhida para seu comando, instalou o seu QG em prédio particular. Comando que aborda em suas **Memórias** às p.176/181. Instalou o seu QG no Palacete Frederico Lage em Mariano Procópio e foram construídas as casernas em Juiz de Fora, São João D'el Rei e Belo Horizonte. E mais tarde as casernas de Ouro Preto, Pouso Alegre e Três Corações. E conseguiu manter a 4ª Região alheia às disputas entre militares na Revolução de 1922, sobre o que escreveu:

*“Por ocasião da campanha política entre as candidaturas Arthur Bernardes e Nilo Peçanha, o extremismo político conseguiu pelas Cartas Falsas, atrair para Arthur Bernardes uma forte corrente de oposição, de parte de numeroso grupo de oficiais, considerando-o incompatibilizado com o Exército. Este viu-se cindido em duas parcialidades. A maioria não acreditou na veracidade das cartas (que eram mesmo falsas). A agitação profunda abalou todos os espíritos do Sul ao Norte do país. A única Região Militar que manteve calma atitude alheando-se de qualquer pronunciamento político foi a de Minas Gerais...”* A Região sob o seu comando!

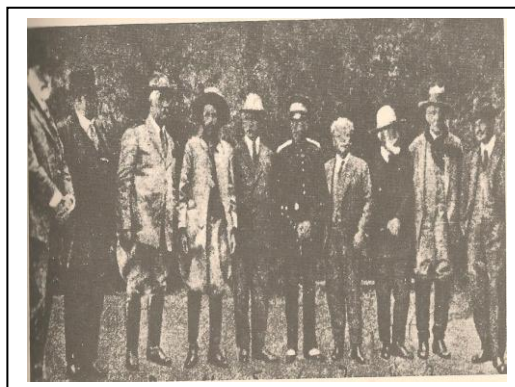
Nomeado Chefe do Estado-Maior do Exército ele deixou Juiz de Fora em Julho de 1922 depois de três anos de feliz e profícuo comando da 4ª Região Militar que ele organizara. O General Setembrino assumiu a chefia do Estado-Maior do Exército em 5 de julho de 1922, em momento grave do Brasil. Na noite anterior havia estourado a Revolta da Escola Militar do Realengo e do Forte de Copacabana. E às p. 182/187 de suas **Memórias** ele descreve a parte que lhe coube no episódio como Chefe do Estado-Maior do Exército e a iniciativa de assumir o comando das operações para sufocar a Revolta. E seu pensamento militar sobre Estado-Maior expressou três anos antes em Artigo na **Revista A Defesa Nacional** nº 73 de 15 Set 1919 quando exercia esta função o seu grande amigo Gen Div Bento Ribeiro. Artigo centenário resgatado a nosso pedido pelo Major Alcides de Souza, Historiador da BIBLIEx .

Em 15 Nov 1922, o General Setembrino, a convite do presidente eleito Arthur Bernardes assume as funções de Ministro da Guerra, que exerce de 1922-26 por quatro anos, em substituição ao Ministro da Guerra Dr. Pandiá Calogeras. E nas paginas 188-297 de suas **Memórias** aborda eventos de sua ação como Ministro da Guerra, dentre eles a Pacificação da Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul às p. 206/223, e o grande movimento revolucionário tenentista de 1922/1926, num período muito difícil para o nosso Exército e para seu Ministro. Neste período, pacificou a Revolução de 1923, em Pedras Altas, atuação que mereceu elogios do historiador Sérgio da Costa Franco, em seu livro **A pacificação da Revolução de 1923, As negociações em**



**Bagé.** Porto Alegre (vide Bibliog).

Ao lado esquerdo, o Gen Setembrino em visita, como Ministro da Guerra em 1923 em Rio Pardo, ao solar de D. Maria Adelaide, filha do General Andrade Neves, O Barão do Triunfo, casa em frente à Escola Militar em Rio Pardo, onde ele servira longo tempo e comandara o 2º Batalhão de Engenharia aquartelado naquela escola. A sua filha mais velha Zaida casara como o sobrinho de D. Maria Adelaide, Francisco Ramos Andrade Neves que, como general em 1932, comandou a 3ª Região Militar no combate à Revolução de 1932. Sentados da esquerda para a direita o General Setembrino, D. Maria Adelaide, seu filho General Eurico Andrade Neves, comandante da 3ª Região Militar 1923-26 e o Capitão Euclides de Oliveira Figueiredo, que



atuou com destaque no Contestado e no Gabinete do Ministro Setembrino (Fonte: Foto obtida pelo Cel Caminha e publicada em *Escolas Militares de Rio Pardo.*)

Em Abr 1924 foi graduado Marechal, tendo consagrado no ano anterior, o dia 25 de agosto, data do nascimento do Duque de Caxias, como o Dia do Soldado, em homenagem ao Pacificador do século XIX, tendo assinado artigo *Dia do Soldado- sua instituição* na **Revista A Defesa Nacional** nº 189, Set 1929.

Em razão do Marechal Setembrino, até então, registrar em seu currículo a pacificação de 4 movimentos armados: em 1914 a Sedição de Juazeiro no Ceará; em 1914/1916, a Guerra do Contestado; em 1922 haver mantido a 4ª Região Militar em Minas Gerais alheias às agitações que culminaram na Revolução de 1922 (motivada por Cartas Falsas atribuídas ao presidente eleito Arthur Bernardes); e, em 1923, a pacificação da Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul, considero-o o Pacificador do século XX.

Enfrentou igualmente as revoluções tenentistas de 1922, no Forte de Copacabana e na Escola do Realengo que lhe coube sufocar, conforme descreve em suas **Memórias** na sua atuação como chefe do Estado-Maior, a Revolução de 1924 em São Paulo (liderada pelo General Izidoro Dias Lopes, filho de D. Pedrito), Amazonas e Sergipe, tendo lançado dois manifestos ao Povo Paulista: em 11 de julho pedindo aos revoltosos que voltassem à Ordem e no dia 18 de Julho '**O Manifesto Camaradas**', dirigido às praças, pedindo que se dirigissem ao Comando das Tropas Legais onde seriam isentos de culpa. E, ainda, a seguir, a Coluna Miguel Costa/Prestes 1924/26, como Ministro da Guerra de Arthur Bernardes.

Na sucessão do Presidente Arthur Bernardes seu nome foi cogitado para a Presidência da Republica, conforme documenta em suas **Memórias**, tendo declinado e apoiado o Presidente Wahington Luiz.

Setembrino deixou o livro **Memórias – dados para a História do Brasil**, do qual conseguimos cópia que estamos explorando, e que o CPDOC da Fundação Getulio Vargas também possui junto com o Arquivo do Marechal a ela confiado. **Memórias** digitalizadas em 304 páginas pela Universidade do Texas, nos Estados Unidos. **Memórias** relevantes para a História do Brasil entre a Proclamação da República e a Revolução de 1930.

E na Academia Militar das Agulhas Negras, no acervo da Federação de Academias de História Militar do Brasil (FAHIMTB) e Academia de História Militar Terrestre/Resende - Marechal Mário Travassos, homenagem ao 1º comandante da AMAN, as 'Memórias' do Gen Setembrino estarão disponíveis para pesquisas nos centenários: em 2022 da Revolução de 1922 na Escola Militar e no Forte de Copacabana; e em 2024 da Revolução de 1924 em São Paulo e da Coluna Miguel Costa Prestes.

**O Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro 1930- 1983** da Fundação Getúlio Vargas, v.1, p.682/684, aborda com mais detalhes sua vida e obra, inclusive que chegou a ser cogitado a candidatar-se à presidência da

República na sucessão de Arthur Bernardes, quando desautorizou o lançamento de sua candidatura e apoiou a candidatura de Washington Luiz.

O Centro Cultural de Uruguaiana, no antigo QG da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada de 1944/1977, abriga várias peças relacionadas com o seu ilustre filho, que foi consagrado pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) a atual FAHIMTB, como patrono de sua Delegacia em Uruguaiana, que tem por Delegado o citado acadêmico historiador e artista plástico Carlos Fonttes, que nos forneceu cópia de suas **Memórias**.

Ele casou em 22 de janeiro de 1887 em Uruguaiana, aos 25 anos como 2º Tenente com D. Leontina Damasceno Vilela, de cujo consórcio nasceram 8 filhos: Zaida, que casou com o General Francisco Ramos de Andrade Neves (neto do general Andrade Neves, o Barão do Triunfo e que comandou a 3ª Região Militar durante a Revolução de 32. Vide, do autor **História da 3ª RM**. V.II, p.288); Fernando, bacharel em Direito; Adelina, casada com o Cel Lafayette Cruz; Scylla, que casou com o General Sebastião do Rego Barros; Urbano, engenheiro civil; Isabel, casada com o General Pedro Geraldo de Almeida, que comandou a AMAN em 1962 e foi chefe do Gabinete Militar do Presidente Jânio Quadros e que consta do **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro** da FGV, v. 1, p. 85; e, César, Engenheiro Civil.

Em Uruguaiana, existe a Av. Marechal Setembrino de Carvalho, a rodovia que vai dos quartéis da Guarnição local até o aeroporto e também em Campinas, SP, existe rua com o seu nome. A Unidade de Artilharia AD/5, da 5ª RM/DE – Artilharia Divisionária da 5ª Divisão de Exército, de Curitiba-PR, tem a denominação de Artilharia Divisionária Marechal Setembrino de Carvalho. E também, como homenagem a ele, existe a “Medalha Marechal Setembrino de Carvalho”. Em Campinas existe importante rua em sua homenagem. Em 23 de setembro de 1939, aos 77 anos, deixou as seguintes disposições à família sobre a sua morte e constantes de suas **Memórias**.

#### MINHA MORTE

Pressinto que se aproxima a hora derradeira de minha vida. A voz secreta de minha alma anuncia o triunfo das forças destruidoras do organismo físico, na luta com as energias vitais. Há muito me ferve na mente idéia de registrar no papel, para serem lidas e executadas no momento oportuno, minhas últimas palavras neste mundo. Pelos motivos acima referidos resolvi fazê-lo hoje, e ainda porque neste instante toda minha sensibilidade acha-se sob a influência da música, pelo rádio. A música sempre exerceu um grande poder sobre meus generosos sentimentos, teve sempre um grande império em minha alma e coração. Este último período de minha existência se caracteriza por acerbos dores morais, ainda que aparentemente tal pareça não suceder. Pura ilusão ! Efeito de uma dissimulação imposta pela mais elevada e necessária discrição a que conveniências de naturezas várias me obrigam. Intimamente, porém, sofro muito. A música, hoje, não sei porque, deu um impulso de tal ordem aos meus sofrimentos que fui levado a pensar na morte, e mesmo a desejá-la, resolvendo, por isso, não mais adiar aquilo que, como disse, desejava, há mais tempo, fazê-lo. Rogo, pois, aos meus amados filhos e filhas, ou as pessoas presentes, se porventura meu passamento ocorrer na ausência deles, que sejam cumpridas a risca as seguintes instruções :

- 1—O enterramento deverá ser o mais simples possível;
- 2—A comunicação à Repartição competente militar deverá ser após o sepultamento, afim de evitar pronunciamentos oficiais de qualquer ordem, e esta comunicação somente porque é necessária a fins ulteriores;
- 3—Não haverá convites por meio algum, nem aviso a parentes e amigos;
- 4—Os filhos presentes e alguns amigos poderão ser auxiliados por Praças do Exército para conduzirem o féretro para o carro e deste para o cemitério;
- 5—Na sala mortuária, isto é, naquela em que o corpo for depositado, aguardando o tempo legal para o saimento, não deverá haver preparativos ou modificação de espécie alguma;
- 6—Numa simples mesa o caixão deverá ser colocado;
- 7—Não haverá tochas ou velas;
- 8—Um simples crucifixo como continuação ou demonstração derradeira da profunda veneração que sempre tributei a Cristo, grande Redentor da Humanidade;
- 9— Não haverá absolutamente flores. Estas só devem aparecer onde há alegria, e embora não haja grande pesar é de justiça esperar que alegria também não haja;
- 10—Ninguém absolutamente deverá ver meu corpo;
- 11—Logo depois de expirar deverei ser coberto, inteiramente, dos pés à cabeça. Provisoriamente, com uma colcha ou lençol, depois enrolado dos pés à cabeça em um pano de veludo roxo ou azul marinho, de maneira que ninguém me veja o rosto, vedando-o assim a todos os olhares;



12—Com estas disposições não haverá na sala, além das pessoas que, apesar de não anunciado o passamento, comparecerem, mais que uma mesa, sobre a qual estará o caixão. Tudo muito simples de modo a não impressionar a ninguém;

13— Por mim não haverá encomendação. Mas, não devo privar as pessoas da família, religiosas, dessa parte do ritual das cerimônias do seu culto;

14— A sepultura será perpétua, podendo ser utilizada por outros da família. Fica isto à deliberação dos sobreviventes;

15— Não deverá haver luto. Fui sempre contrário à exteriorização de pesar sincero ou convencional;

16— Supondo que aos reformados, hoje, não cabem honras fúnebres militares. De qualquer maneira eu não as quero o que, aliás, se depreende do item n° 2;

17- A Mutualidade do Clube Militar e o Círculo dos Reformados fornecerão um conto e tanto cada um para o enterro, no- mesmo dia em que ocorrer o óbito. Basta telefonar. O Governo concorre, segundo a última tabela, se me não falha a mente, com 2 contos de réis, assim disporão com cerca de 5 contos para o enterramento;

18— Se alguém, por espírito religioso, ao qual me não posso contrapor, por não dever tentar influir em crença alheia, lembrar-se da celebração de missas, poderá realizar a idéia, mas sem convites. Somente para as pessoas da família que revelarem interesse em comparecer;

19— Morro com a consciência tranquila, com sincera paz de espírito e até mesmo satisfeito, porque já vivi além do que era necessário. Nada mais tenho a realizar neste mundo. Servi com dedicação esmerada à Pátria, à Família e à Sociedade;

20— Levo para o túmulo o grande amor que sempre consagrei aos meus extremados filhos, a quem procurei ser útil em toda a minha vida.

(\*) O original desta carta creio encontrar-se em poder de uma filha do Marechal (Sra. Lafayette Cruz), em Porto Alegre.

#### Marechal SETEMBRINO DE CARVALHO

**Nota:** Creio que decorridos 100 anos devam os profissionais militares julgá-lo como um soldado que foi fiel à sua verdade e não por suas posições a partir da Revolução de 1922 provocadas por Cartas Falsas tomadas por muitos como verdades e que tantos prejuízos causaram a inocentes alunos da Escola Militar do Realengo que foram desligados, dos quais privei com os notáveis Generais Jonas de Moraes Correa Filho e Edmundo de Macedo Soares, hoje patronos das cadeiras 34 e 49 da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil e que foram meus presidentes no Instituto de História e Geografia Militar do Brasil e confrades no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e que tantos e notáveis serviços prestaram ao Brasil.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel  
Presidente da AHIMTB/RS – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara  
Vice do IHTRGS  
lecaminha@gmail.com